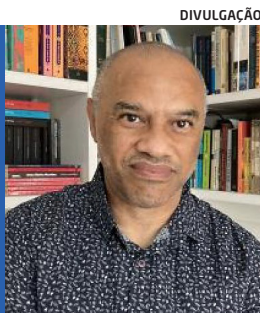


ARTIGO

Leitura no Brasil: problema não é a falta de interesse, mas falhas de acesso » 2



DIVULGAÇÃO

CULTURA

Artista mineiro faz das águas do Velho Chico obras de arte no ES » 4



DIVULGAÇÃO

Discord: o perigo que vai além das telas do aplicativo

Após ação da Advocacia Geral da União, especialistas explicam falhas na proteção de crianças e jovens que acessam a plataforma e orientam famílias » 3

ILUSTRAÇÃO/ESHOJE



VINÍCIUS FERREIRA

O Brasil não tem poucos leitores

Toda vez que aparece uma pesquisa revelando alguma tendência de queda nos índices de leitura, o diagnóstico de que o brasileiro não aprecia ler ressurge como um fantasma. Repetida com frequência, a apressada ideia foi assumindo ares de verdade evidente. Mas não é. Aliás, está muito longe de ser. O problema no Brasil nunca foi, de fato, falta de interesse pela leitura.

A questão pode ser mais bem compreendida quando pensamos em como o país continua a oferecer oportunidades bastante desiguais para que alguém se torne leitor. Nenhum leitor nasce pronto, é preciso reconhecer isso. A leitura é uma atividade que vai se construindo ao longo da vida, por meio da convivência familiar, da escola, das bibliotecas, do acesso aos livros, do tempo disponível e da mediação.

No Brasil, infelizmente, esses recursos permanecem concentrados e são quase exclusivos de

determinadas classes socioeconômicas. Com isso, a leitura por aqui muitas vezes constitui um verdadeiro privilégio antes de ser um direito. Historicamente, portanto, o país foi transformando bens culturais em marcas de distinção social.

Reconhecer essa desigualdade pode ajudar a explicar o paradoxo de que, em um tempo de tantos livros, tantos textos circulando e tantas possibilidades de acesso à informação, milhões de brasileiros permanecem distantes da literatura.

Embora seja comum responsabilizar as redes sociais, os celulares ou as novas tecnologias pela crise da leitura, é preciso reconhecer que o problema não foi criado a partir da sua incontornável presença em nossas vidas.

Mesmo que os nossos modos de atenção tenham sido modificados, as facilidades trazidas pelas inovações tecnológicas só tornaram ainda mais visível a desigualdade antiga, agora traduzida na imagem objetiva de um país que universalizou o consumo de telas antes de uni-

versalizar o acesso à formação cultural.

Se o Brasil deseja mesmo ampliar seu número de leitores, precisa abandonar o discurso moralizante segundo o qual bastaria somente estimular o gosto pelos livros. Gostar de ler não é um dom, nem mesmo uma virtude individual.

A massificação da leitura só poderá resultar de oportunidades concretas de formação, do investimento nas escolas públicas de base, do fortalecimento das redes de bibliotecas, da de-

mocratização do acesso ao livro e do reconhecimento da literatura como um direito cultural.

Essas talvez sejam medidas menos espetaculares do que os milhares de reais investidos em campanhas de incentivo à leitura. Porém, muito mais eficazes para alterar a pergunta fundamental.

Final, ao invés de procurar saber se não gostamos mesmo de ler, devemos nos perguntar por que o acesso à leitura no Brasil insiste em permanecer tão desigual.

Publicação Legal é aqui

 <https://eshoje.com.br/noticias/publicacao-legal/>
Impresso e digital diários

Contato:

**bianca@eshoje.com.br/
27 99744-6251**

 **ESHOJE**

ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

 **ESHOJE**
ANJ ASSOCIAÇÃO NACIONAL DE JORNAIS

A opinião dos colunistas não reflete o posicionamento do veículo.

TIRAGEM: Publicação digital e impressa
CIRCULAÇÃO: Grande Vitória e digital
PERIODICIDADE: Diários

Rua Carlos Lindenberg, 40.
Ed San Gennaro, sala 201. Jardim Camburi. Vitória ES. Cep 29092-110
Tel. 27 2180-0678
www.eshoje.com.br
redacao@eshoje.com.br

DIRETOR GERAL
Carlos Roberto Coutinho
carlos@eshoje.com.br

DIRETORA ADMINISTRATIVA
Bianca Coutinho
bianca@eshoje.com.br

DIRETORA DE REDAÇÃO
Danieleh Coutinho - MTB/ES 2694-JP
daniehcourtinho@eshoje.com.br

PROJETO GRÁFICO
Renon Pena de Sá
www.ellaform.com.br

FOTOGRAFIAS
Arquivo
redacao@eshoje.com.br

DIAGRAMAÇÃO
Jeferson Louis - MTB/ES 3605/ES

REDAÇÃO
Carolina Bouri
Eduardo Aencar
Esthefany Mesquita
Giulia Reis
Karla Silveira
Mariana Cicilioti
PH Caetano
Pedro Rocha

SIGA NOSSAS REDES SOCIAIS:

 /eshoje
 @eshoje
 eshoje
 eshoje

Discord na mira da Justiça por crimes contra menores

Caso investigado na Serra expõe riscos da plataforma; especialistas orientam as famílias

CAROLINA BOUERI
jornalismo@eshoje.com.br

A investigação de um adolescente de 16 anos, na Serra, suspeito de integrar uma organização criminosa digital que atuava principalmente pelo Discord, expõe os riscos enfrentados por crianças e adolescentes em comunidades virtuais. O caso ganha relevância diante da ação da Advocacia-Geral da União (AGU), que cobra medidas de proteção da plataforma e pede indenização de R\$ 500 milhões por dano moral coletivo.

Na segunda-feira (21), a AGU apresentou novo pedido à Justiça Federal, em Brasília, após considerar insuficiente a proposta de conciliação da empresa. O governo aponta falhas na verificação de idade, no controle parental e na prevenção de crimes como exploração sexual, aliciamento e indução à automutilação e ao suicídio.

Em fevereiro, a Polícia Civil do Espírito Santo deflagrou a Operação Desconectado, que resultou na apreensão do adolescente em Jardim Limoeiro. Segundo a investigação, ele seria uma das lideranças de um grupo envolvido na divulgação de material de abuso sexual infantojuvenil, tortura de animais e apologia ao nazismo. As vítimas estavam em diferentes estados e até no exterior.

Em agosto, a Agência Nacional de Proteção de Dados (ANPD) de-

terminou a suspensão das transmissões ao vivo do Discord no Brasil, após identificar falhas nos mecanismos de prevenção. A medida foi mantida após recurso da empresa.

COMO OS CRIMINOSOS AGEM

Diferentemente das redes sociais tradicionais, o Discord reúne comunidades chamadas servidores, com canais de texto, voz e vídeo. Convites compartilhados em jogos ou outras redes podem levar adolescentes a grupos com milhares de desconhecidos.

Segundo Eduardo Glazar, diretor de segurança da informação (CSO) da Globalsys, o anonimato por apelidos, os servidores privados e as mensagens individuais podem ser explorados por criminosos.

A abordagem pode começar em um canal coletivo e migrar para uma conversa privada, dificultando a identificação de situações de risco.

O especialista explica que existem tecnologias capazes de analisar transmissões ao vivo e identificar conteúdos violentos. Entretanto, a detecção enfrenta limitações, como o tempo necessário para interromper uma transmissão, classificações incorretas e o volume de conteúdo.



Jovem investigado na Serra mostra que o uso errado da plataforma está mais perto do que parece

Responsabilidade da plataforma

O SECRETÁRIO-GERAL da OAB-ES, Eduardo Sarlo, explica que o ECA Digital estabelece obrigações preventivas para serviços acessados por menores, incluindo verificação de idade, supervisão parental, configurações de segurança e canais de denúncia.

A responsabilidade pelos crimes permanece individual, mas a empresa pode responder civil e administrativamente caso descumpra seus deveres legais.

Carlos Augusto Pena da Motta Leal, presidente da Comissão de TI e Direito Digital da OAB-ES, destaca que a legislação também prevê a retirada de determinados conteúdos que violem direitos de menores, após notificação, sem necessidade de ordem judicial prévia.

Segundo ele, a AGU utilizou como referência R\$ 50 milhões para cada uma das dez infrações que afirma ter identificado, chegando ao pedido de R\$ 500 milhões. O valor ainda depende de decisão judicial.

Entre as medidas solicitadas es-



Atenção e acompanhamento é essencial para evitar problemas

tão restrições ao contato de desconhecidos com menores, mecanismos contra extorsão sexual e reforço da moderação.

Para Sarlo, a proteção também precisa respeitar a Lei Geral de Proteção de Dados (LGPD). A verificação de idade deve utilizar apenas as informações necessárias, sem permitir vigilância indiscriminada.

Glazar recomenda que os responsáveis acompanhem os servidores dos quais os filhos participam. O Discord oferece ferra-

mentas de supervisão familiar, mas elas não permitem a leitura das conversas.

O especialista também orienta atenção a mudanças de comportamento, ansiedade diante de notificações e pedidos inesperados de dinheiro. Esses sinais, isoladamente, não comprovam violência, mas merecem diálogo.

O Discord contesta as acusações e afirma manter diálogo com o governo brasileiro. A Justiça ainda analisará os pedidos da União.

Como proteger os filhos no Discord

Privacidade: restrinja mensagens de desconhecidos, limite pedidos de amizade e ative os filtros de conteúdo.

Supervisão: utilize o Family Center e converse sobre os servidores dos quais o adolescente participa.

Sinais de alerta: observe modo de notificações, tentativas de esconder conversas e pedidos inesperados de dinheiro.

Ameaças: não negocie com o agressor. Preserve mensagens, nomes de usuário, links, datas e horários antes de bloquear o contato.

Denúncias: utilize os canais da plataforma e procure a polícia. Não compartilhe imagens de abuso sexual infantil, mesmo para tentar guardar provas. Em situações de risco imediato, acione as autoridades.



DIVULGAÇÃO

“O Discord oferece ferramentas de supervisão, mas não permite a leitura”

Eduardo Glazar, especialista

Artista transpõe divisa e retrata o Velho Chico no ES

Mineiro integra o Salão Revoada, em Santa Teresa, com obras sobre águas e crise climática

REDAÇÃO MULTIMÍDIA
jornalismo@eshoje.com.br

O movimento das águas, as transformações da paisagem e as conexões entre o corpo e o território atravessam a produção de Pedro Kubitschek. Nascido em Belo Horizonte, o artista visual desenvolve pinturas situadas entre a figuração e a abstração, tendo como uma de suas principais referências poéticas as margens do Rio São Francisco.

Com formação em Design Gráfico, Kubitschek investiga as tensões entre o físico e o emocional. Em suas telas, a natureza não surge como cenário estático, mas como um organismo vivo submetido à passagem do tempo, ao fluxo hídrico e às intervenções humanas no meio ambiente.

Essa pesquisa estará no I Salão de Artes Integradas de Santa Teresa — REVOADA, que aborda “A Crise Climática na Perspectiva da Arte”. A mostra reunirá nomes de várias regiões do país entre 3 e 30 de novembro de 2026, na Galeria de Artes de Santa Teresa (GAST) e nos jardins do Museu de Biologia Professor Mello Leitão.

Com trajetória internacional e obras exibidas em cidades como Paris, Praga, Miami e São Paulo, o pintor mineiro foi contemplado em 2025 com o Prêmio Estímulo Fora do Eixo no 17º Salão dos Artistas sem Galeria. Na entrevista a seguir, Pedro Kubitschek fala sobre sua relação com o Rio São Francisco, o processo pictórico e



Em “A correnteza que atravessa” Pedro Kubitschek retrata sua visão do Rio São Francisco

os dilemas da crise ambiental.

ES Hoje: De que maneira o Rio São Francisco influencia sua produção?

Pedro Kubitschek: O Rio São Francisco é uma força da natureza e faz parte da minha história desde a infância, quando passava as férias com meu avô às margens do rio, em Januária, no norte de Minas Gerais, imerso no sertão. Todos os anos, eu observava aquelas águas mudarem, as margens se transformarem e a mata se modificar. Aprendi que o rio sustenta toda a biodiversidade ao seu redor, mas também pode ser perigoso, com suas armadilhas e a força da correnteza. É uma paisagem aparentemente plácida, mas que está em constante movimento e transformação. Essa revolta também é uma forma de defesa. De certa maneira, somos assim, e é assim que devemos compreender e proteger a natureza.

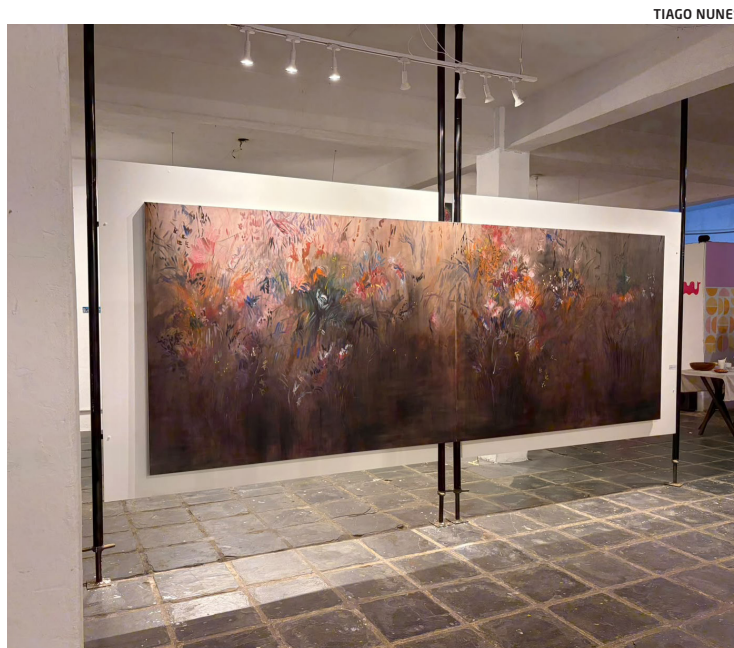
Que relações você estabelece entre paisagem, corpo e emoção?

A instabilidade da paisagem, essa correnteza que muda todos os dias, que sofre com o que

acontece na cabeceira do rio e carrega seus rastros, isso abriu muitos questionamentos dentro da minha pesquisa artística. Além disso, percebi a força espiritual desse contato ancestral com o rio, dessa sensação de fazer parte de um todo e de estar em comunhão com o divino. Per-

manecer em um barco, observando as águas e os animais, ouvindo os sons da natureza, é uma experiência quase litúrgica, eucarística. É um momento de conexão profunda entre o corpo, a paisagem e a dimensão emocional e espiritual da existência.

Qual é o diálogo de sua obra



“A correnteza do tempo na margem” foi exposta no REVOADA

com o tema do Salão Revoada?

Minha pesquisa parte do Rio São Francisco, que atravessa o coração do sertão e percorre diferentes biomas, como o Cerrado, a Caatinga e áreas de Mata Atlântica. Mas ela também fala sobre a memória de um rio que nunca volta a ser o mesmo. É um rio que pede proteção e cuidado para que as revoadas continuem acontecendo. A arte, nesse contexto, anuncia o desespero de um rio que pode desaparecer e se transformar apenas em memória. Essa questão se estende a todo o Brasil: nossos rios precisam ser cuidados. A arte denuncia, provoca e apela para que a sociedade volte sua atenção para a natureza que está ao nosso redor, uma paisagem que, em algum momento, pode se tornar apenas lembrança. Não podemos permitir que os rios brasileiros se transformem em memória.

O que representa expor em Santa Teresa?

O Museu de Biologia Professor Mello Leitão já é uma referência na preservação do meio ambiente, na pesquisa e na educação ambiental. Sua presença em Santa Teresa, por sua vez, estabelece uma conexão ainda mais significativa com uma região marcada pela gastronomia, pela vinicultura, pelas tradições italianas e pela valorização dos produtores locais. Essa identidade demonstra como produção, cultura e preservação ambiental podem caminhar juntas, valorizando o território e fortalecendo uma relação mais consciente com aquilo que produzimos, consumimos e preservamos. Quando unimos o impacto da arte à força de uma instituição que atua com excelência na pesquisa, na educação e na preservação ambiental, o significado das obras ganha uma projeção ainda maior. Essa união de forças permite que o público não apenas contemple a exposição, mas também saia dela com uma percepção mais ampla sobre o meio ambiente, a preservação da natureza e as escolhas que fazemos no cotidiano. A arte cria um espaço de reflexão e sensibilidade capaz de despertar novas percepções e estimular atitudes mais conscientes e ações concretas em favor da natureza. É nesse encontro entre arte, ciência, cultura, produção local e preservação que a exposição encontra sua maior força: transformar a experiência estética em uma oportunidade de reflexão sobre o nosso papel na construção de um futuro mais sustentável.



“O Rio São Francisco é uma força da natureza e faz parte da minha vida desde a infância”